

OS USOS DE [DE REPENTE] NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Nastassia Santos Neves Coutinho (UFRJ/CNPq)

Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq)

Palavras-chave: Modelos baseados no uso, [*de repente*], construcionalização

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma análise diacrônica dos usos da construção [*de repente*] em dados coletados de textos escritos de diferentes séculos da História da Língua Portuguesa e de textos orais da Amostra Censo 2000 (Paiva e Scherre 1999) e da Amostra Portvix (Yacovenco *et al* 2012), a fim de identificar o percurso histórico das construções [*de repente*] e as propriedades sintático-semânticas das orações em que elas estão inseridas. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística (Funcional) Baseada no Uso (Kemmer e Barlow 1999, Bybee 2010, Diessel, 2015, Cezario e Furtado da Cunha, 2013) e o modelo de construcionalização/mudança construcional de Traugott e Trousdale (2013), investigamos a hipótese de que a construção [*de repente*] sofreu construcionalização, em que houve a criação da construção [*de repente*]_{modalizadora epistêmica de possibilidade}, havendo mudanças no plano da forma (com alteração nas tendências posicionais e no tempo semântico do verbo associado à construção) e no plano da função (de advérbio de modo para modalizador epistêmico).

A construção [*de repente*] é formada pelo substantivo “repente” e a preposição “de” e, na maioria das gramáticas e dicionários, é retratada assumindo aceção de tempo, situando o estado de coisas numa linha do tempo, o momento do acontecimento de um evento; ou modo, em que “qualifica uma ação, um processo ou um estado expressos num verbo” (Neves 2000, 234), no caso da construção [*de repente*]_{advérbio de modo}, apresentando algo inesperado. No entanto, a noção de tempo no uso da construção é difícil de ser explicitada, uma vez que ela demonstra a quebra de expectativas existentes sobre um acontecimento, em que se espera X e ocorre Y, e não situa o estado de coisas numa linha do tempo. Há dados em que é possível dupla interpretação dos usos da construção em que [*de repente*] indica a possibilidade de algo ocorrer ou a forma como algo ocorre, por exemplo: “cada vez que quizessem agazalhar em cima os hospedes de mais qualidade, se podião de repente de tres ou quatro cubiculos fazer huma salla” (Século XVI). Neste enunciado podemos identificar: i) que a construção indica uma mudança no estado de coisas para que uma área de três ou quatro cubiculos seja transformada rapidamente em uma sala ampla ou ii) que a área pode ser transformada, alterando o estado de coisas, quando isso se fizer necessário, ou seja, a possibilidade existente dessa mudança. Na frase “(...) se podião de repente de tres ou quatro cubiculos fazer huma salla (...)” há uma afirmação que é modalizada, ou seja, investida da avaliação do falante pelo uso do [*de repente*] a respeito da situação codificada e a interpretação de [*de repente*] como modalizador é reforçada pelo verbo “poder”, que caracteriza a potencialidade de transformação dos cubiculos em uma sala grande.

Dessa forma, concebemos que há duas construções, ou seja, dois pareamentos forma-função no *constructicon* dos usuários do português: a construção [*de repente*]_{advérbio de modo} (ex: “(...) senao quando demos de repente com dois homens (...)” - Século XVII) e a construção [*de repente*]_{modalizadora epistêmica de possibilidade} (ex: “De repente pode haver algum trecho que não seja muito nítido (...)” - Século XX). Assim, quando passa a adentrar a categoria dos modalizadores, mantém a noção de mudança imprevista, mas traz a possibilidade ou expectativa da mudança da situação explicitada, representada em uma opinião ou uma dúvida, estando presente em um âmbito mais intersubjetivo dessa hipótese vir a ser cumprida (Traugott 2010).

Referências:

- Bybee, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cezario, Maria Maura; Furtado da Cunha, Maria Angélica. (orgs.) *Linguística Baseada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.
- Diessel, Holger. 2015. “Usage-based construction grammar”. Em *Handbook of Cognitive Linguistics*, Editado por Ewa Dabrowska e Dagmar Divjak, 295-321. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kemmer, Suzanne e Michael Barlow. 1999. *Introduction: a usage-based conception of language*. Stanford: CSLI Publications.
- Neves, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP.
- Paiva, Maria Conceição de e Maria Marta Pereira Scherre. 1999. “Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL”. *Delta. PUC-SP*. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300009.
- Traugott, Elizabeth. 2010. “(Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment”. Em *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*, organizado por Kristin Davidse *et alii*, 29-74. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Traugott, Elizabeth e Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.
- Yacovenco, Lilian Coutinho, Maria Marta Pereira Scherre, Leila Maria Tesch, Marcela Langa L. Bragança, Elaine Meireles Evangelista, Alexandre Kronemberger de Mendonça, Elba Nusa Calmon, Heitor da Silva Campos Júnior, Astrid Franco Barbosa, Jucilene Oliveira Sousa Basílio, Carlos Eduardo Deoclécio, Janaína Biancardi da Silva, Aline Tomaz Fonseca Berbert, Samine de Almeida Benfica. 2012. “Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena”. *Alfa: Revista de Linguística*. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300003.

A SIMULTANEIDADE TEMPORAL COMO FONTE DE DERIVAÇÃO DE SIGNIFICADOS CONTRASTIVOS: MOTIVAÇÕES SEMÂNTICAS, PRAGMÁTICAS E COGNITIVAS

Luísa Ferrari (Universidade Estadual Paulista/UNESP)

Palavras-chave: Tempo, Contraste, Diacronia, Junção.

Resumo:

Em estudo tipológico, Kortmann (1997) reúne evidências de um trânsito de mudança translinguisticamente produtivo, que parte do domínio semântico de tempo e caminha para o de contraste. Estudos no âmbito de diferentes línguas corroboram a produtividade desse canal de derivação (Ramat e Mauri 2011; Mauri e Ramat 2012; Longhin 2016), indicando que particularmente alguns valores temporais são fontes ainda mais férteis para o desenvolvimento de tipos específicos de contraste. Com frequência, juntores que expressam oposição semântica têm como fonte a simultaneidade temporal, o que, segundo Mauri e Auwera (2012), pode ser, ao menos em parte, explicado por uma noção de surpresa que a coexistência de estados de coisas (EsCo) no tempo pode suscitar, quando acompanhada de desigualdades entre eles.

Este trabalho investiga duas trajetórias de mudança, instanciadas no português brasileiro, que reforçam a produtividade da derivação histórica de valores contrastivos a partir de simultaneidade temporal. Está em foco o desenvolvimento de construções contrastivas, perifrásticas e não perifrásticas, com *enquanto* e *passo*, como mostram os exemplos (3) e (4). Originalmente, *enquanto* é juntor temporal que indica a sobreposição ao menos parcial no tempo de dois EsCo (Longhin 2016), conforme (1), e *passo* é forma nominal que faz referência ao movimento de um pé para deslocamento, também atuando, em algumas construções, como juntor temporal que indica a coexistência de EsCo, conforme (2).

O objetivo do trabalho é apreender aspectos, sobretudo semânticos, pragmáticos e cognitivos, que tanto forneçam explicações para o desenvolvimento de construções de contraste com *enquanto* e *passo* no português brasileiro quanto fortaleçam e, possivelmente, ampliem as vias de explicação já propostas na literatura linguística para a alta produtividade do trânsito de simultaneidade a oposição.

Pautando-se em um quadro teórico-metodológico que admite a origem da mudança em inferências pragmáticas instigadoras de polissemia entre significado fonte e significado alvo e que, nesse viés, operacionaliza a investigação da mudança a partir de tipos de contextos (Traugott e Dasher 2002), a análise será empreendida, em viés diacrônico, à luz de uma abordagem metodológica que distingue três tipos de contextos fundamentais para a reconstrução dos fatos de mudança, considerando como parâmetro a (in)compatibilidade semântica com significado fonte/alvo (Mauri e Ramat 2012): (i) contextos incompatíveis com o significado alvo, (ii) contextos compatíveis tanto com significado fonte quanto com significado alvo e (iii) contextos incompatíveis com o significado fonte.

A análise se baseou em *corpus* constituído a partir de textos representativos de tradições discursivas diversas e produzidos entre os séculos XVIII e XXI, extraídos de três bases de dados principais: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, *Corpus* do Projeto de História do Português Paulista e *Corpus* do Projeto para a História do Português Brasileiro. O mapeamento dos dados no *corpus* se deu com respaldo do Microsoft Excel e do *Sketch Engine*, ferramenta que permite gerenciar qualitativa e quantitativamente grandes volumes de textos. Foram monitoradas as frequências absoluta e percentual dos diferentes padrões de *enquanto* e *passo*, que totalizam 944 e 538 ocorrências, respectivamente.

Ainda com estatuto preliminar, os resultados indicam, entre outros aspectos, preservação e remodelações de traço fundamental do valor de simultaneidade temporal: a coocorrência.

Conforme Mauri (2008), as relações de contraste são relações de coocorrência caracterizadas como conflitantes, no sentido de que ligam EsCo que estão conjuntamente em questão como facetas coexistentes de uma cena geral. No domínio fonte, *enquanto* e *passo* contribuem para expressão da coexistência temporal de dois EsCo. No domínio alvo, em um plano mais abstrato de significação, configuram-se em recursos para uma manobra linguística altamente subjetiva: a junção de dois EsCo em um mesmo cenário discursivo, indicando sua coocorrência conflituosa no universo de crenças e atitudes subjetivas dos falantes/escreventes.

Exemplos:

(1) **Em quanto** se detinha naquele porto, pedio licença ao Governador o Capitão da nao Santiago, para ir à Ilha da Palma. (19, XVIII/1)

(2) **Ao passo, que** o mellasso vai escorrendo pouco a pouco, se vai aumentando o branco da massa. (9, XVIII/2)

(3) Além disso, **enquanto** a dominação senhorial era relativamente monolítica, a dominação burguesa surge como uma composição de poder heterogênea (com uma base nacional e outra internacional). (268, XXI)

(4) Sobretudo porque em 1871 ainda era lícito confessar-se alguém, sem desdouro, contrário à emancipação, **ao passo que** em 1888, quando se tratar da abolição, já será preciso boa dose de coragem para remar contra a corrente. (82, XXI)

Referências:

- Kortmann, Bernd. 1997. *Adverbial Subordination: a Typology and History of Adverbial Subordinators based on European Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- Longhin, Sanderléia R. 2016. “Emergência de Juntões Contrastivos na História do Português: Contextos, Polissemia e Subjetivização.” *Filologia e Linguística Portuguesa* 18, no. 2: 263-299. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p263-299>.
- Mauri, Caterina. 2008. *Coordination Relations in the Languages of Europe and Beyond*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Mauri, Caterina, e Anna Giacalone Ramat. 2012. “The Development of Adversative Connectives in Italian: Stages and Factors at Play.” *Linguistics* 50, no. 2: 191-239. <https://doi.org/10.1515/ling-2012-0008>.
- Mauri, Caterina, e Johan van der Auwera. 2012. “Connectives.” In *The Cambridge Handbook of Pragmatics*, editado por Keith Allan e Kasia Jaszczolt, 377-401. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ramat, Anna G, e Caterina Mauri. 2011. “The Grammaticalization of Coordinating Interclausal Connectives.” In *The Oxford Handbook of Grammaticalization*, editado por Heiko Narrog e Bernd Heine, 656-667. Oxford: Oxford University Press.
- Traugott, Elizabeth, e Richard Dasher. 2002. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.

Apoio financeiro:

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2019/01411-0.

O REDOBRO DE POSSESSIVOS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS E DO FRANCÊS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Hannah Manes (UFRJ)

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes possessivos, redobro, mudança linguística, português arcaico, francês moderno.

Este trabalho visa comparar contextos de redobro do possessivo em português histórico e francês moderno, com o objetivo de analisar se seus usos são motivados pelas mesmas razões. Questiona-se por que historicamente esse fenômeno desapareceu em português enquanto em francês moderno sua ocorrência é notada desde o final do século XX em contextos orais (cf. Zribi-Hertz 1999).

Em francês, há três tipos de possessivos segundo Zribi-Hertz (1999): possessivos determinativos (*mon*), adjetivais (*mien*) e dativos (*à moi*). As expressões possessivas determinativa e dativa podem ser combinadas na mesma sentença (cf. 1), o que gera o redobro analisado neste trabalho:

- (1) Parce que c'étaient **ses** fraises **à elle**.
Porque eram seus.POSS morangos a ela.POSS
'Porque eram os morangos dela'

(Les animaux pauvres 2011)

Segundo Woldness (2013), a combinação das expressões determinativa e dativa em francês se dá para identificar o possuidor e acabar com a ambiguidade gerada pelos possessivos determinativos (*mon*, *ton*, *son* etc) que não indicam o gênero nem o número do possuidor de terceira pessoa, apenas do possuído. Ressalta-se que esta ambiguidade não ocorre nas outras pessoas discursivas (1ª e 2ª). Nesses casos, seu redobro pode ter o intuito de reforçar a identidade do possuidor, cf. (2).

- (2) C'est ton âme qui chante **ta** mélodie **à toi**.
É tua alma que canta tua.POSS melodia a ti.POSS
'É tua alma que canta tua melodia'

(Zaz 2013)

Essas razões assemelham-se às apontadas por Torres Morais e Ribeiro (2014) a respeito do português arcaico (PA) (séc. XII-XV) em que o redobro ocorria essencialmente para desambiguar sentenças em que o pronome *seu* era incapaz de identificar o possuidor quando havia mais de um referencial, visto que, tal como em francês, ele só varia em gênero e número quanto ao possuído, cf. (3):

- (3) (...) muytas cousas faz Deus polos seus servos sem **sa** voontade **deles**.

(Torres Morais and Ribeiro 2014, 37)

Como se verifica em (3), o redobro em PA ocorre por meio da combinação das formas possessivas *seu* e *dele* na mesma sentença (cf. Torres Morais e Ribeiro 2014). Há hipóteses que sua extinção date do final século XV, porém as razões do seu desaparecimento ainda carecem de investigação. Uma das hipóteses, de acordo com Torres Morais e Ribeiro (2014), é que

especialização da forma *dele*, sobretudo em língua falada, pode ter sido o caminho para o desaparecimento do redobro no português oral. Na língua escrita, contudo, o redobro se manteve ao menos até o século XIX, como se atesta no exemplo (4) do escritor Camilo Castelo Branco, nascido em 1825:

(4) É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efetuar horrores cuja a narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes **seus delas** é outro.

(Bechara 2002, 182)

Logo, neste trabalho, pretende-se ampliar o conhecimento acerca do desaparecimento do redobro em português. Para tanto, serão analisados 28 textos anotados sintaticamente de autores nascidos entre os séculos XIV e XIX do *Corpus Tycho Brahe* (Unicamp), composto de 1.324.298 palavras. Ademais, uma vez que o fenômeno do redobro é mais saliente em francês oral (cf. Zibri-Hertz 1999), serão coletados dados do corpus CLAPI (*Corpus de Langue Parlée*) de francês contemporâneo, com 140 transcrições de 46h de gravação, a fim de compreender quais razões levaram ao seu surgimento no francês contemporâneo. Além disso, por meio da comparação entre o português histórico e o francês moderno, pretendo demonstrar que, embora sejam línguas românicas com uma origem em comum, a variação linguística que ambas sofreram são um fator de mudança que as distancia em termos morfossintáticos.

Referências

- Bechara, E. 2002 [1961]. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Mraendz. 2011. “Les animaux pauvres”. Filmado em setembro 2011. Video, 4:18. https://www.youtube.com/watch?v=uuf10G_2E3c&t=93s.
- Torres Morais, Maria A., Ribeiro, I. 2014. “Possessivos de 3a pessoa: o português arcaico e o português brasileiro contemporâneo”. In *Filol. Linguíst. Port.* v. 16, 15-51. São Paulo.
- Woldsnes, Anne. 2013. K. *La possession inaliénable : une analyse contrastive*. Noruega: Universidade de Oslo.
- Zaz. 2013. “Comme ci comme ça”. Gravada em 2013 por Sony atv music publishing. Música, 2:45. <https://www.lyrics.com/lyric/33483516/Zaz>.
- Zribi-Hertz, Anne. 1999. “Le système des possessifs en français standard moderne”. In *Langue française*, n°122, *Le groupe nominal : contraintes distributionnelles et hypothèses de descriptions*, 7-29. https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1999_num_122_1_6285.